

SELECÇÃO DE DESENHOS PARA MOEDAS COMEMORATIVAS

(RECENTES EXPERIÊNCIAS DA IMPRENSA NACIONAL — CASA DA MOEDA)

António Miguel Trigueiros

Quando, em Novembro de 1974, a Imprensa Nacional — Casa da Moeda abriu concurso público para a execução de duas moedas comemorativas do «25 de Abril», poucas pessoas duvidariam que este seria o processo escolhido, de aí em diante, para a selecção dos desenhos para novas moedas.

Abandonado este processo de selecção desde 1932, ano do concurso público para as esculturas das moedas de prata de 2\$50, 5\$00 e 10\$00, cujo modelo vencedor, de João da Silva, deu origem à conhecida série das «Caravelas», a Casa da Moeda de Lisboa enveredou por um sistema misto de selecção, ora convidando artistas de renome para a execução do desenho de algumas espécies comemorativas, ora encarregando dessa tarefa os seus próprios quadros técnicos, escultores e gravadores.

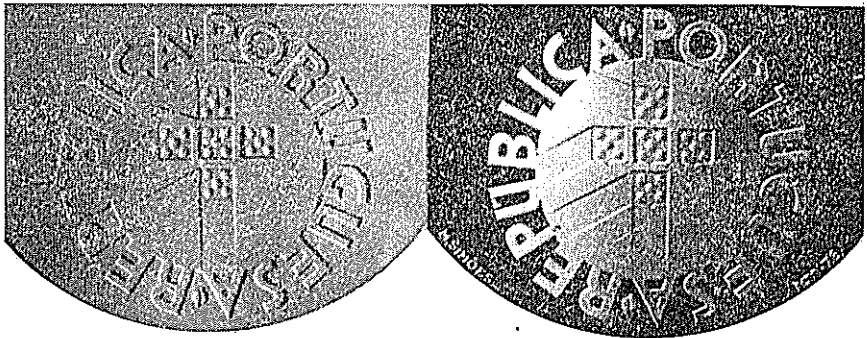
Foi assim, com natural júbilo, que a notícia daquele concurso público foi recebida pelas associações representativas dos artistas plásticos portugueses e, também, pelos críticos de arte. Cedo se verificou, porém, que o nosso meio artístico, há tanto tempo arredado da escultura numismática, carecia de experiência que permitisse a imediata compreensão dos condicionalismos técnicos e artísticos que se levantam no projecto de gravuras para moedas.

Não iremos descrever o que se passou nesse tormentoso concurso público iniciado em 1974, por duas vezes anulado e que só à terceira tentativa conseguiu produzir obra considerada pelo júri como minimamente válida.

O resultado é de todos bem conhecido.

Como pormenor curioso, mas bem revelador da originalidade do desenho numismático, cuja concepção deve ter sempre em conta o respeito pelos símbolos identificadores da soberania do estado emissor, — porque de moeda se trata — o projecto premiado para o anverso destas moedas representava os escudetes das quinas nacionais sob a forma de quadrados, numa composição estilizada que mais se assemelhava a cinco «dados de jogo», que aos símbolos pátrios que tanto admiramos e veneramos.

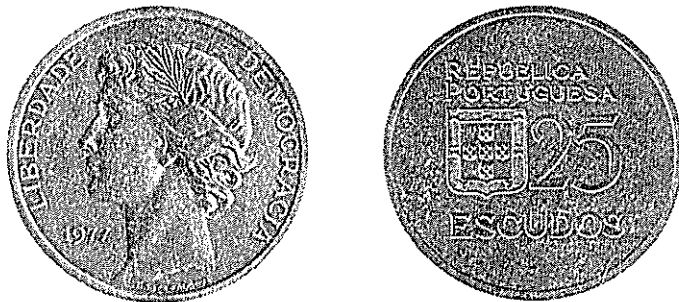
Chamada a atenção do artista para esse facto e após lhe ter sido comunicado o parecer emitido pela Academia Portuguesa de História, oportunamente consultada sobre este assunto, o criador do projecto não concordou em alterar o seu trabalho...; em consequência, a IN-CM tomou então a decisão de rectificar as bases dos escudetes, gravando-os de acordo com uma das figurações heráldicas admitidas. E assim apareceram nas moedas emitidas em 1976.



Moedas comemorativas do «25 de Abril» (pormenor do anverso): das quinas quadradas dos gessos do artista premiado, para os escudetes de base ponteguda, nos «proofs» da IN-CM.

Foi este o primeiro sinal revelador de que, em gravura numismática, ao contrário do que acontece em medalhística, o artista não pode exigir uma liberdade absoluta de criação, antes, esta deve ser condicionada, acompanhada e limitada a sua exequibilidade aos meios técnicos existentes na Casa da Moeda.

O insucesso e a experiência desse concurso público de 1974/75 foi de tal forma marcante que condicionou desde então e ainda hoje condiciona, toda a actividade da IN-CM na selecção de desenhos para moedas.



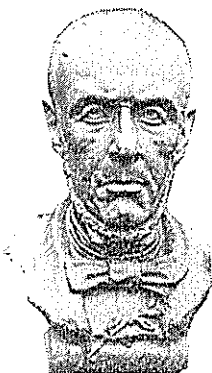
A moeda de 25\$00 foi já justamente alcunhada «moeda da liberdade».

Em 1979 começaram os trabalhos preparatórios para uma nova espécie monetária, de valor facial 25 escudos. A urgência na escolha do desenho a gravar levou a IN-CM a optar por um estudo já existente, da autoria do escultor Marcelino Norte de Almeida, que foi adoptado ao novo valor introduzido em 1977 no sistema de moeda metálica corrente.

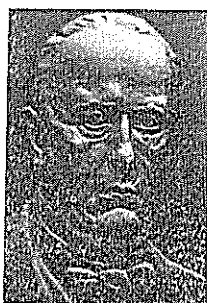
Convirá referir que Mestre Norte de Almeida, que durante quarenta anos trabalhou na Casa da Moeda de Lisboa, tinha-se reformado em 1974, depois de nos ter legado tantas e tão excelentes obras de escultura numismática e medalhística.

Experiente conhecedor dos condicionalismos técnicos do desenho para moeda, Norte de Almeida continuou a colaborar com a Casa da Moeda durante mais alguns anos, sendo de sua autoria o notável retrato de Alexandre Herculano, impresso na medalha comemorativa do Centenário da sua morte (1977).

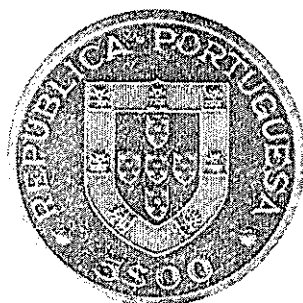
De uma fidelidade absoluta à máscara mortuária daquele nosso grande escritor e historiador, a medalha de Norte de Almeida coloca-o definitivamente na primeira fila dos escultores retratistas portugueses contemporâneos. O aproveitamento daquela sua escultura para figurar na moeda comemorativa do mesmo evento, que então se projectava, representou simultaneamente um acto de justiça e de homenagem.



Busto de Alexandre Herculano, tirado da sua máscara funerária, da autoria do francês Anatole Camel.



Efígie de Alexandre Herculano, pormenor da medalha comemorativa do centenário da sua morte, da autoria de Norte de Almeida.



Anverso da moeda comemorativa da morte de Alexandre Herculano: será esta a composição que irá figurar no anverso das futuras moedas comemorativas portuguesas, em valores faciais correntes.

Mas a moeda de Alexandre Herculano, — a primeira espécie monetária corrente com carácter comemorativo, — revelou ainda uma composição artística do anverso de grande simplicidade e elegância.

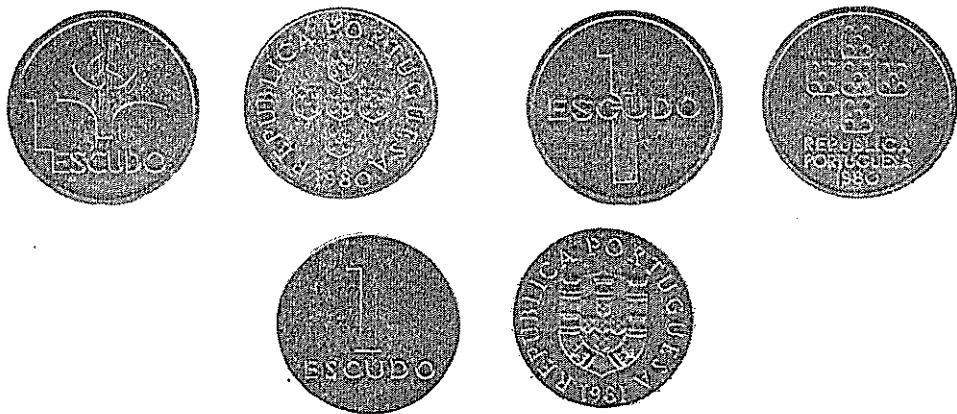
Encontram-se nesta face três dos quatro elementos obrigatórios em desenho numismático: a legenda identificadora do estado emissor, a representação heráldica (simplificada) das suas armas e o valor facial. Trata-se de uma composição típica de amoedações comemorativas, cuja finalidade é libertar completamente o reverso da moeda para o tratamento artístico do tema alusivo, ao qual se associa frequentemente a data do evento ou a era da emissão (o quarto elemento obrigatório).

Não será assim de surpreender a decisão da IN-CM de, num esforço combinado de racionalização de trabalhos escultóricos a realizar e de normalização do tratamento estilístico dos anversos das nossas moedas, ter escolhido este anverso para a futuras emissões comemorativas de valores faciais correntes.

Experiência diferente se verificou, três anos depois, na selecção de gravuras para a nova moeda de 1 escudo, que viria a ser emitida em 1981.

Pondo-se de parte a ideia de um concurso público, decidiu-se efectuar um mini-concurso, restrito a alguns artistas convidados.

Dos desenhos apresentados, que não primam pela originalidade, criatividade ou qualquer outro adjectivo artisticamente abonatório, fizeram-se três ensaios do reverso, à escala real e dois do anverso, estes últimos posteriormente completados com uma composição tirada das actuais moedas de cuproníquel (2\$50 e 5\$00: escudo tipo suíço).



Ensaio do reverso e anverso da moeda de 1\$00 (1980) e a composição seleccionada (1981)

Teria sido possível fazer obra mais meritória, mesmo para moeda tão pequena? Temos a certeza de que sim, como aliás se vê em moedas estrangeiras de dimensões semelhantes.

Mas, para tal teria sido necessário orientar a criatividade dos artistas convidados, para temas previamente seleccionados.

Ainda em 1980 começaram os trabalhos preparatórios para a amoedação comemorativa do IV Centenário de Luís de Camões.

O processo escolhido para a selecção dos desenhos foi, também aqui, o de um concurso restrito a cinco artistas pré seleccionados. Desta vez, contudo, e no sentido de permitir uma maior intervenção da IN-CM em todo o processo, teve-se o cuidado de elaborar previamente um documento-guia, denominado «*Bases a que devem obedecer os desenhos para execução de moedas comemorativas do IV Centenário da Morte de Luís de Camões*» e que foi enviado aos artistas convidados.

Nesse documento definia-se, pela primeira vez, um objectivo preciso a alcançar: «*Pretende-se criar (citamos) um conjunto de moedas de grande beleza, em que a figuração predominante seja Camões*».

Para tal, (e voltamos a citar) «*Os artistas deverão admitir que os desenhos que apresentarem não são definitivos, ficando sujeitos a alterações julgadas convenientes para se atingir o fim pretendido — boa execução e aceitação numismática*». Completando-se estas disposições, estabelecia-se ainda um critério de selecção por fases, dos desenhos apresentados, sendo devidamente remunerados todos os que passassem à fase seguinte de apreciação.

Outro ponto não menos importante nessas «Bases», foi a deliberada obrigatoriedade dos desenhos conterem legendas, datas e figurações muito bem definidas.

Assim, o símbolo de soberania do Estado Português foi descrito como «*Escudo sobre esfera armilar, podendo ser ladeado por duas vergontes de louro ligadas em baixo por um laço*»;

e a imagem do homenageado seria do tipo de

«*Efigie, busto ou corpo inteiro de Camões, de perfil, a 3/4 ou de frente*»,

nesta parte final, obviamente, à escolha do artista.

Resumindo, podemos dizer que, pela primeira vez introduziram-se guias de actuação na execução dos desenhos a apresentar e, o que é ainda mais importante, reconhecia-se a eventualidade desses desenhos não serem definitivos, antes poderem ser sujeitos a alterações propostas pela IN-CM, se bem que de comum acordo e sem ferir susceptibilidades na criação artística do tema proposto.

O resultado deste procedimento pode ser observado na moeda cunhada, de mil escudos, da integral autoria do Arq. Martins Barata, que nela assina com o pseudónimo «J. P. Roque».



Moeda comemorativa do IV Centenário da Morte de Camões (1000\$00):
primeiro ensaio feito em 1982 pela IN-CM

Esta moeda constitui, na nossa opinião e dentro do clasíssimo do tema, um feliz exemplo de completo aproveitamento da difícil arte do desenho numismático.

De notar, especialmente, no reverso, a coroa de louros circundando toda a face comemorativa e que foi, precisamente, uma das alterações propostas ao desenho original.

No anverso, o escudo inicial proposto, de tipo suíço, foi substituído por outro de nítido recorte manuelino; a esfera armilar deixou de ser uma esfera sem base nem apoios e a legenda foi ligeiramente recuada para o campo, de modo a permitir incluir uma bordadura que enquadra e realça todo o conjunto.

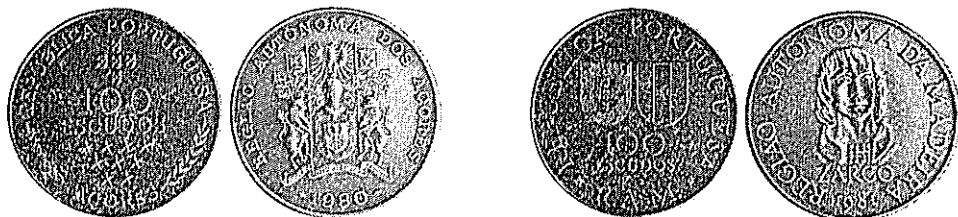
De referir ainda que, dos quatro valores propostos para esta emissão (10 000\$00, ouro; 1 000, 500 e 250 escudos, prata), o Governo só autorizou a moedação de um único valor e em liga de prata, tendo assim ficado preterido um segundo desenho que, na nossa opinião, bem merecia ser passado ao metal.

1980 foi ainda o ano da autorização de cunhagem de uma emissão monetária comemorativa da autonomia político-administrativa das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira. De acordo com o articulado do n.º 2 do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 299/80, os desenhos dessas moedas seriam aprovados pelo Ministro das Finanças e do Plano, sob proposta dos governos regionais respectivos.

No caso dos Açores, os desenhos submetidos à apreciação da IN-CM mereceram desta alguns reparos, nomeadamente no respeitante ao desenho

da face considerada como anverso, em significativa desarmonia estética com a rica composição do reverso. Por um lado, nela não figurava o Escudo Nacional como determinava o citado Decreto-Lei, mas apenas as Quinas Portuguesas; e, por outro lado, o realce dado ao valor facial, centrado no campo, não parecia o mais apropriado a uma moeda com carácter comemorativo.

Não quis o Governo Regional dos Açores atender o parecer da IN-CM; em consequência as moedas foram cunhadas assim mesmo.



Moedas comemorativas da autonomia regional dos Açores e da Madeira

Quanto à Madeira, os desenhos apresentados não motivaram qualquer reparo de monta, que não fosse a curiosidade de se ver o escudo de uma região autónoma receber igual tratamento e em pé de igualdade com o escudo de toda a Nação, na face representativa da soberania emissora.

Durante o ano de 1981 nasceram mais algumas ideias de amodações comemorativas, entre as quais mereceram atenção as dedicadas ao

«Ano Internacional do Deficiente» (1981)

«Campeonato Mundial de Hoquei em Patins» (1982)

«Dia Mundial da Alimentação — F. A. O.» (1981)

e, já com algum atraso,

«Ano Internacional da Criança» (1979).

Perante tal avalanche de projectos de moedas, a IN-CM teve que pôr de parte qualquer ideia de concurso, mesmo que muito restrito, optando-se por encomendar a execução dos respectivos desenhos a escultores pré-seleccionados, entre os quais se incluíam alguns novos nomes.

Antes, porém, definiram-se as respectivas características de emissão, a propor superiormente: valores faciais, metais, quantidades, etc.

Assim, e do conjunto de emissões previstas, propôs-se que as da «F. A. O.», «Campeonato de Hóquei» e «Criança», fossem amoadados em ligas metálicas de valores correntes, de 1\$00 a 25\$00, reservando-se a emissão do «Ano Internacional do Deficiente» para amodações em liga de prata ou em liga de cuproníquel de valores faciais mais elevados.

Precisamente para esta última emissão foram indicados, como temas a tratar, dois portugueses ilustres, tendo sido escolhidos

António Feliciano de Castilho

e *Jacob Rodrigues Pereira*



AID — 100\$00 (R./)

1.º Desenho (n/aprovado)

De notar a inclusão do símbolo «ccnod», que não foi considerado passível de figurar num documento oficial do Estado (como é a moeda).



AID — 100\$00 (R./)

2.º projecto (n/ aprovado)

De notar a inclusão do símbolo internacional do A. I. D. incluído por sugestão do autor.



Gesso final do R./ da moeda de 100\$00 do A. I. D.

Autor: Armando Matos Simões

O escultor *Armando Matos Simões* foi o artista convidado e em boa hora, pois conseguiu realizar uma excelente escultura e, apesar do seu difícil enquadramento numa legenda excessivamente longa, ainda nela incluiu uma mensagem alusiva ao tema: *Trabalho-Reabilitação*.



AID — 25\$00 (R./.)
1.º desenho

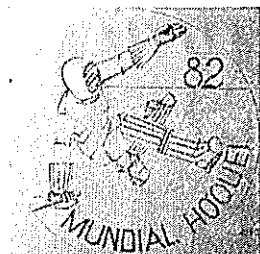
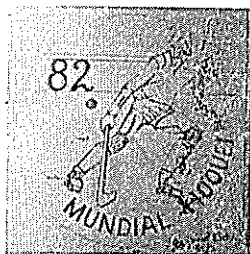
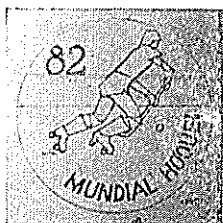


Gesso do R./ dos 25\$00 do
A. I. D. (do 3.º desenho
aprovado)



AID — 25\$00 (R.)
2.º desenho

Tal só foi possível, contudo, à terceira tentativa, o que, mais uma vez, vem confirmar a necessidade do artista dispor-se às alterações julgadas convenientes pela IN-CM de modo a atingir-se o fim pretendido.



XXV Campeonato Mundial de Hoquei em Patins. Desenhos originais da Escultora Dorita Castel-Branco (Aprovados)

Para as moedas do «Campeonato Mundial de Hóquei em Patins», — e do qual, felizmente, Portugal saiu vencedor... — a IN-CM convidou uma conhecida escultora *Dorita Castel-Branco*, que aceitou a tarefa de criar os reversos das quatro projectadas moedas desta emissão: 1, 2.5, 5 e 25 escudos.

Também aqui a escolha se revelou acertada, pois que, apesar da sua completa inexperiência neste domínio, os primeiros desenhos apresentados foram logo aprovados (apenas com uma ligeira modificação no da moeda de 25\$00) e neste momento os gessos já estão na Casa da Moeda para serem transpostos para o metal.

São desenhos simples, mas bem alusivos a esta popular modalidade desportiva, criteriosamente esboçados numa sequência bem adaptada aos diferentes módulos das moedas e dos quais quase que podemos dizer que narram no metal as principais fases do jogo de hóquei em patins.

Quanto às projectadas emissões comemorativas do *Ano Internacional da Criança* (1979), e da *F. A. O.*, a selecção dos desenhos encontra-se numa fase mais atrasada, mas os primeiros projectos e esboços apresentados permitem também esperar que se consiga produzir obra de mérito artístico e numismático.



Moeda comemorativa do Ano
Internacional da Criança (1979)
Desenho (1.º esboço), aceite com
algumas alterações

De salientar a deliberada intenção de aproveitar estas amoedações para nelas veicular uma mensagem de carácter social. Se, no caso da *F. A. O.* este facto é já bem conhecido, pelas inúmeras emissões estrangeiras, cujos milhões e milhões de moedas levam a toda a parte a mensagem «*Alimentos para Todos*» e «*Aumentemos a Produção*», no caso da moeda do *A. I. da Criança*, a temática escolhido (*Infância*) permitiu definir uma legenda que é perfeitamente inédita em qualquer moeda do mundo e que pretende transmitir ao observador a importância do amor materno ou paterno para um sã desenvolvimento da criança:

«*Dá-me o Teu Amor*»

«*A moeda como veículo de uma mensagem social*»... Esta é sem dúvida, uma fascinante experiência no domínio do desenho numismático.

* * *

Com a publicação dos novos Estatutos da IN-CM, em Dezembro passado, foi instituído um órgão Consultivo do Conselho de Administração, no âmbito das actividades numismáticas, medalhísticas e de fabricação de moeda metálica, denominado «*Conselho Numismático*».

Entre as suas atribuições figura a de emitir «*Parecer sobre os aspectos técnicos e artísticos da produção de moeda metálica e medalhas*», pelo que é natural que os futuros projectos de moeda sejam matéria a discutir no âmbito desse Conselho de 9 membros.

Mas a experiência destes oito anos passados é de tal maneira rica em situações e soluções tão diferenciadas, que poderá e deverá constituir uma sólida base de actuação futura na selecção de desenhos para novas moedas.

* * *

Escreveu um dia Batalha Reis que o moderno conceito de Numismática abrange não só o estudo das moedas antigas, mas também o planeamento daquelas que irão ser emitidas.

Pretendeu-se com esta comunicação ilustrar esse novo conceito, essa nova e maior dimensão temporal da Numismática e o conseqüente alargamento do campo de acção dos seus cultores.

Enquanto uns, especialistas da História, se preocupam em reconstituir o passado, outros, porque também amantes da mesma História, preocupam-se em construir o futuro.

